



A PRESENÇA DAS MULHERES NO ATLETISMO BRASILEIRO

Palavras-chave: mulheres, esporte, atletismo, treinadores (as), árbitros (as).

Autores(as):

Isabela Silva de Assis (autora) - Universidade Estadual de Campinas

Evandro Lázari (orientador) - Universidade Estadual de Campinas

Larissa Rafaela Galatti (co-orientadora) - Universidade Estadual de Campinas

INTRODUÇÃO

É fato que nunca foi fácil ser mulher dentro do formato patriarcal em que a sociedade se consolida, mas dentro do ambiente esportivo os percalços enfrentados pelas mulheres foram especialmente maiores. Desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos (1896) à mais recente (2016), é notável o aumento de mulheres. Em 1896 os Jogos não contavam com nenhuma mulher oficialmente, já em 2016 aproximadamente 4700 mulheres participaram, representando cerca de 45% do total de participantes da competição. (GIGLIO et. al, 2018)

Ainda em 1921, a francesa Alice Milliat se tornou líder do movimento feminino esportivo, enfrentando e questionando o sistema existente na época. Nesse ano Alice conflitou com Pierre de Coubertain, idealizador e presidente que mais tempo ficou à frente do Comitê Olímpico Internacional, em relação ao atletismo. Alice defendia a entrada do programa completo de atletismo para mulheres, mas levando em conta todo esse impedimento, a francesa junto com outras mulheres fundou e presidiu, em Outubro de 1921, a Federação Esportiva Feminina Internacional (FSFI) que perdurou até 1936 e realizou 4 edições dos Jogos Olímpicos Feminino (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008). Como resultado dessa luta, em 1928, o atletismo feminino foi inserido nos Jogos Olímpicos, ainda com um programa menor que o masculino. Nessa primeira participação mais um percalço foi encontrado: após o término da prova de 800m algumas mulheres desmaiaram agregando argumentos àqueles que eram contra a participação feminina alegando a incapacidade física para esportes de resistência. (RÚBIO e SIMÕES, 1999)

No Brasil, a história das mulheres não foi diferente do cenário internacional, muitas dificuldades foram encontradas. A primeira vez que o Brasil teve a participação feminina nos Jogos Olímpicos aconteceu só em 1932, com a nadadora Maria Lenk (ROMARIZ, DEVIDE e VOTRE, 2007), seguindo uma crescente até o Jogos de Londres em 1948, em que as mulheres eram 13,98% da delegação brasileira. Mas nos anos seguintes o número foi reduzido chegando a 1,22% em Roma 1960, e a partir daí voltando a crescer, atingindo a maior participação feminina na delegação na edição do Rio 2016 com 44,94%. (GIGLIO et al, 2018)

As dificuldades no cenário nacional eram visíveis até na legislação. Prova disso foi a Lei nº 3199 que perdurou de 1941 até 1975 e dizia no art. 54º as restrições femininas para o esporte.

Lutando contra todos esses percalços, o esporte feminino nacional foi crescendo. No ano de 2008 é perceptível um grande salto nesse crescimento, com a conquista de seis medalhas olímpicas para as brasileiras, além disso nesse ano ocorreu a conquista da primeira medalha feminina nos esportes individuais, com o bronze da judoca Ketleyn Quadros e o primeiro ouro olímpico de uma brasileira com a Maurren Maggi, do salto em distância. (COB, 2008)

Levando em consideração toda a luta feminina e os fatos históricos que relacionam o atletismo a mesma, esse trabalho busca identificar a presença das mulheres no atletismo do Brasil. Analisando os dados obtidos através de contato com a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), e identificando quantas mulheres atuam diretamente no atletismo nacional.

OBJETIVO

O projeto apresenta como objetivo principal comparar a presença de mulheres e homens nas funções de atleta, de treinadora, de treinador e de arbitragem nos campeonatos nacionais da Confederação Brasileira de Atletismo na temporada 2019.

MÉTODO

O presente estudo buscou analisar a presença das mulheres dentro do Atletismo brasileiro, fazendo para isso um diagnóstico do cenário competitivo no ano de 2019. A escolha do ano foi feita devido a Pandemia do Coronavírus em 2020 que adiou todos os campeonatos, o que pode interferir nos números dos mesmos. Para tal feito foram analisados os resultados dos Campeonatos Brasileiros de Atletismo de todas as categorias do ano de 2019, bem como o número de treinadores e treinadoras, árbitros e árbitras presentes no evento, todos essas informações são dados documentais públicos disponibilizados pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt).

Para ser feita a análise de dados dessa pesquisa os dados foram divididos nas seguintes categorias: arbitragem, comissão técnica e atletas, sendo que este último os números foram subdivididos de acordo com os grupos de provas. Após essa divisão, os dados foram organizados em uma planilha no Excel, foi feita uma análise estatística descritiva e uma elaboração de gráficos através do programa Graphpad.

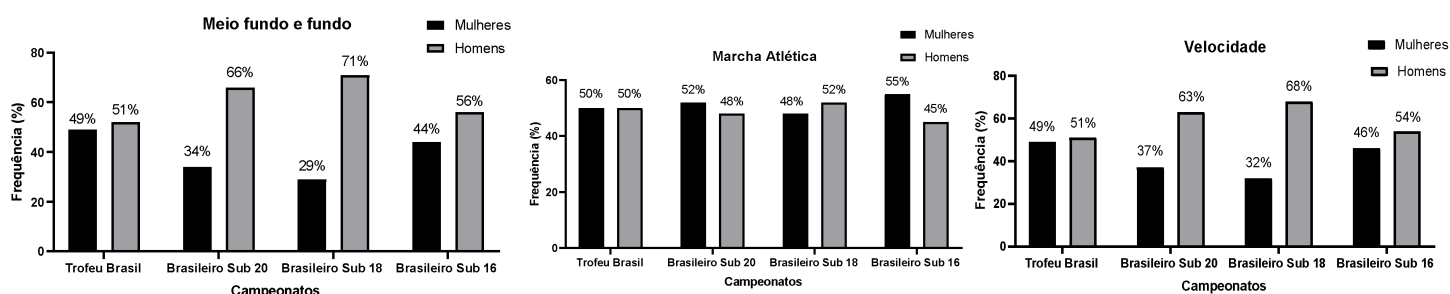
Ressaltando que foi feito um levantamento dos mesmos cargos ocupados por homens, que foram analisados da mesma forma a fim de gerar uma comparação entre homens e mulheres, pretendendo identificar se há desigualdade entre gêneros no cenário atual do atletismo nacional.

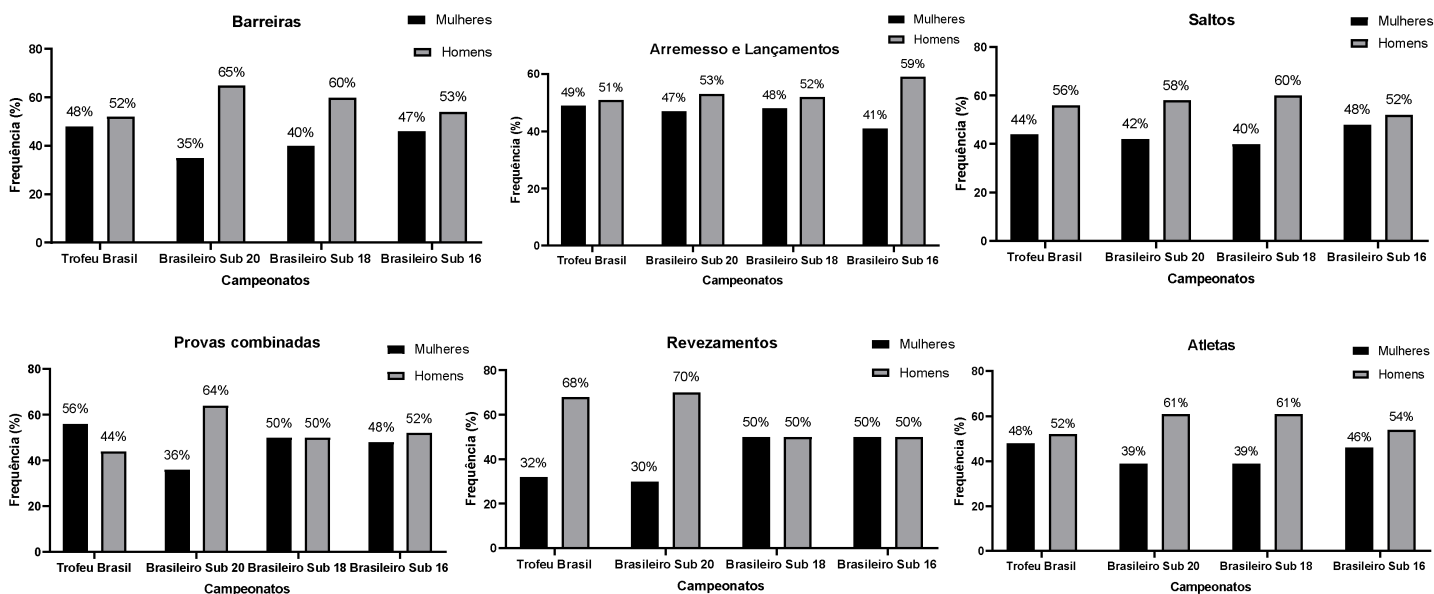
RESULTADOS

Para a análise de dados dessa pesquisa foi feito um levantamento do número de atletas por prova em todas as categorias dos Campeonatos Brasileiros de Atletismo de 2019, esse levantamento foi dividido em grupos de acordo com o tipo de prova, a fim de facilitar a leitura e a organização dos dados, sendo esses grupos: provas de meio-fundo e fundo, marcha atlética, velocidade, barreiras, arremesso e lançamentos, saltos, provas combinadas e revezamentos.

Quantidade de atletas por prova

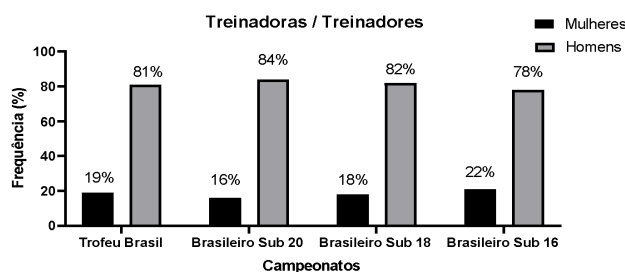
Nos gráficos abaixo são representados os números relativos da quantidade de atletas por grupo de provas nos Campeonatos Brasileiros de Atletismo de 2019.





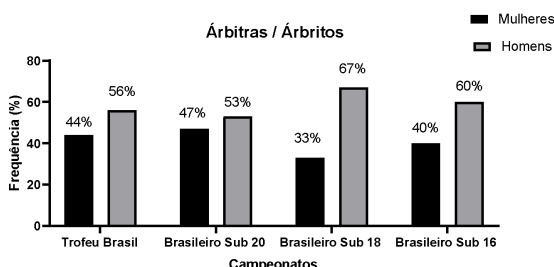
Quantidade de treinadores e treinadoras por campeonato

No Gráfico 10 são apresentados, respectivamente, os números absolutos e relativos da quantidade de treinadores e treinadoras em cada campeonato, são contabilizados para isso todos os inscritos em cada um deles. Chama a atenção que em todas as categorias o número de homens nessa posição de liderança é mais que o dobro do número de mulheres.



Quantidade de árbitros e árbitras por campeonato

No Gráfico 11 são apresentados os números relativos da quantidade de árbitros e árbitras em cada campeonato.



DISCUSSÃO

Em todos os Campeonatos Brasileiros de Atletismo do ano de 2019 foi possível encontrar uma maior presença de homens em relação às mulheres enquanto atletas. As categorias que contaram com a menor participação feminina foram a sub 18 e a sub 20 (ambas com 39% de mulheres), o que nos

chama atenção é na categoria adulto (Troféu Brasil) a diferença da participação de homens e mulheres é de apenas 4%, entretanto percebe-se que quando analisamos os números absolutos, no sub 20 a diferença absoluta entre homens e mulheres presentes é de 187 atletas, já no adulto essa diferença cai para 32 atleta. Essa participação mais igualitária pode se dar pelo fato de nessa categoria a competição contar com a necessidade de atingir o índice para participação, enquanto em nenhuma das outras categorias, incluindo a sub 20 não é necessário tal feito. É possível acreditar que os números mais próximos entre os gêneros pode se dar também pela maior desistência por parte dos homens. Outro ponto que pode ser levantado é que nesse estudo foi feita a soma de todos os participantes de todas as provas, e com isso um mesmo atleta pode ter sido somado duas vezes por participar de mais de uma disputa e isso pode ocorrer mais nas categorias de base, do que no adulto devido à maior especialização dos/das atletas.

De modo geral, olhando para cada grupo de provas percebe-se que as participações se dão de forma parecida com o panorama geral, maior desigualdade nas categorias sub18 e sub20 e maior igualdade na categoria adulto, exceto pelas provas de revezamento. Podemos observar que as mulheres se fazem presente dentro das pistas que pode ser explicado pelo fato de o incentivo à prática na modalidade se dá principalmente por meio de bolsa atleta, e a mesma tem os mesmos valores para homens e mulheres, o que define seus valores são os títulos de cada atleta, independente de seu gênero. Além disso, existe um equilíbrio no número de provas e medalhas em disputa nos dois gêneros.

Já quando analisamos o número de treinadores e treinadoras percebemos que o cenário é diferente, em todas as categorias as mulheres representam entre 16% (sub 20) e 22% (Troféu Brasil) do total de treinadores presentes nos eventos. Essa baixa representatividade feminina no mais alto cargo de liderança do esporte, pode se dar por inúmeros fatores. Acosta e Carpenter (1994 apud. Ferreira et al, 2013) afirmam que essa baixa representatividade se dá por um sucesso da rede de contatos dos homens e consequente fracasso da rede de contatos feminina, a falta de suporte de programas e políticas para mulheres, a discriminação e a reprodução da contração por semelhança, além da ocorrência da síndrome de Burnout entre as mulheres, que é uma reação psicofisiológica ao estresse crônico no trabalho e se caracteriza pela exaustão emocional, podendo resultar no abandono da carreira.

Outro ponto citado por Ferreira et. al. (2013) é que pessoas com pouco poder tendem a ser mais inseguras, indo de encontro com o que LaVoi e Dutove (2012) afirmam em seu modelo ecológico, desde o ambiente individual até o contexto sociocultural as mulheres enfrentam diversas barreiras para atingir cargos de liderança dentro do esporte, entre eles a falta de confiança, o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, principalmente quando o tópico é família, pressuposição de papéis de gênero, a falta de outras mulheres como modelos, conexões entre homens, competição com outros treinadores, cursos de formação coordenados e ministrados por homens, entre tantos outros fatores. Além da teoria de teto de vidro citada pelas autoras que assegura que existe uma barreira invisível que impede que as mulheres alcancem os cargos mais altos dentro do esporte.

Enquanto isso, na arbitragem as mulheres também são minoria, principalmente nas categorias de base, com a maior diferença também na categoria sub 18, onde elas representam 33% do total, e a menor diferença se dá no sub 20, em que as mulheres representam 47% da equipe de arbitragem.

Ao analisar os dados, podemos fazer uma relação com a crescente no número de atletas mulheres participando das Olimpíadas desde 2004 que a modalidade apresenta (CBAAt, 2020), então podemos relacionar um maior equilíbrio entre gêneros devido a isso. Além disso, podemos relacionar esses dados com a história das mulheres no esporte, o atletismo sempre teve seus entrelaços com esse tópico, e diversos percalços foram enfrentados, como citado na introdução foi a luta de Alice Milliat que contribui para o estopim da inserção das mulheres nos Jogos Olímpicos (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008), então é possível acreditar que a modalidade apresentar certa representatividade de mulheres como atletas pode contribuir para o cenário geral das mulheres no cenário esportivo.

CONCLUSÃO

Levando em conta tudo que foi levantado nessa pesquisa, as intersecções históricas, as literaturas na área e as características da modalidade podemos concluir que quando se trata da perspectiva de atletas a modalidade traça um caminho exemplar, buscando trazer estratégias que sejam igualitárias para ambos os gêneros.

Entretanto, quando se trata de cargos de liderança ainda se tem muito a evoluir, e pensando em reverter o cenário atual de baixa presença de mulheres é necessária a elaboração de políticas de indução por meio de clubes, federações e confederação que favoreçam a presença feminina nesses cargos, tendo em vista os cargos mais altos para que conseqüentemente, por meio de contratações por similaridade e conexões entre pessoas do mesmo gênero, os níveis mais baixos sejam conseqüentemente atingidos e a desigualdade no esporte, principalmente na modalidade seja menor.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro, 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/De13199.htm. Acesso em: 15 abr. 2020.
- COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO (COB). **A consagração das mulheres**. 2008. Disponível em: https://sistemas.cob.org.br/sophia_web/asp/prima-pdf.asp?codigoMidia=13613&iIndexSrv=1. Acesso em: 20 abr. 2020.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (CBAt). **O Atletismo**. Disponível em: <http://cbat.org.br/site/?pg=2>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (CBAt). **O Atletismo**. Disponível em: <http://cbat.org.br/site/?pg=5>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Porto Alegre v. 8, n. 1, p. 85 - 100, jan./jun. 2005.
- GIGLIO, Sergio Settani et al. Desafios e percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894-1965). **Recordes**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-22, jan./jun. 2018.
- OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H.L.; TUBINO, Manoel J.G.. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista brasileira Ciência e Movimento**. 16(2): p. 117-125, 2008.
- ROMARIZ, Sandra Bellas de; DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião. Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 1, n. 13, p. 297-216, setembro/dezembro 2007.
- RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas: A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, ano V, v. 11, n. , p. 50-56, 1999.
- OLIVEIRA, Gabriela Aragão de Souza de; COSTA, Juliana Santos. Atletismo feminino nos Jogos Olímpicos. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, p. 8250, 2006.